

Movimento no. 01

Segundo Nicolas Bourriaud a arte já não eterniza, e sim ajesta, repara, jogando a erro na mesa os produtos que consome. Para ele, ainda, a paisagem mundial foi modelada, de um lado, pela pressão de uma superprodução de objetos e informações e, de outro, pela uniformização galopante das culturas e linguagens.

Movimento no.01 é o título da exposição de Erika Malzoni, sugerindo movimentação física, mas, também, mental, e suscitando a lógica dos jogos e brincadeiras de infância. Objetos retirados do urbano foram deslocados para um espaço institucional e instalados, formando composições que chamam a atenção para a fragilidade de tudo que nos cerca, como contestação ao sistema existente.

O azul, cor recorrente em seus trabalhos, remete às suas deambulações pela zona central da cidade de São Paulo, onde ambulantes costumam deitar lonas azuis na calçada, e, sobre elas, objetos de todo tipo são expostos à venda. Na exposição, o azul cria um ritmo, um movimento, quase uma partitura musical.

Outro signo que sugere percurso - importante em seu trabalho e colocado de maneira estratégica entre as obras - é um par de sapatos, lembrança do curso que fez em Milão, e do trabalho que desenvolveu em seguida; fundamental para suas investigações e descoberta pela manufatura. Deslocamento espacial, trajetos e errância designam a realidade atual e abarcam o trabalho de Erika.

As sutis disposições de objetos da artista contribuem para iconografia de um tempo e espaço instáveis, originados de um excedente generalizado. Com um vocabulário emprestado da arte povera, seu trabalho tem como característica a ocupação do espaço a partir de materiais de pouco valor, descartados, coletados da paisagem urbana e lojas de refugo. O conteúdo da obra parece insistir em mostrar a oposição entre um mundo sólido e consistente, e um mundo líquido atual, distante da sensação de permanência. A partir dessa falência da duração, o transitório e o efêmero predominam, nos lembrando que vivemos em um mundo entulhado e saturado, onde o caos preexiste.

O consumismo, para Bauman, não se refere à satisfação dos desejos, mas à incitação da vontade, por outros, sempre renovados – preferencialmente do tipo que não se pode, em princípio saciar. Para o consumidor, um anseio satisfeito deve ser quase tão prazeroso e excitante quanto uma flor murcha ou uma garrafa de plástico vazia; para o mercado de consumo, um apetite saciado seria também o prenúncio de uma catástrofe iminente. Não apenas produtos estão fadados ao descarte; ligações frouxas e compromissos revogáveis são os preceitos que orientam tudo aquilo em que se engajam e a que se apegam as pessoas.

Coletando e rearranjando na acumulação e repetição, Erika foca a obsolescência, o consumo excessivo, o que foi deixado para trás e ninguém quer, e, também, a conexão entre os indivíduos. Essa, é tão frágil quanto os materiais coletados, assumindo assim, um aspecto político no desenvolvimento do trabalho, por meio de uma estética precária e de interação social.

Ana Montenegro